



DIRETOR GERAL

Wilson Mazalla Jr.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

William F. Mighton

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Silvia A. Sant'Ana

REVISÃO DE TEXTOS

Leda Maria de Souza Freitas Farah

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

Sofia Cavalcante

REVISÃO DE FILMES

Antonia S. Pereira

CAPA

Fabio Cyrino Mortari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quanto Tempo o Tempo Tem!

Educação, filosofia, psicologia, cinema, astronomia, psicanálise, história...
Vera Lúcia Sabongi De Rossi e Ernesta Zamboni, (organizadora). --
Campinas, SP: Editora Alinea, 2003.

Vários autores.

1. Educação - Finalidades e objetivos
2. Interdisciplinaridade na educação 3. Tempo
1. De Rossi, Vera Lúcia Sabongi. II. Zamboni, Ernesta.

02-6757

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação e tempo: Estudos interdisciplinares
370.1
2. Tempo e educação: Estudos interdisciplinares
370.1

ISBN 85-7516-039-7

Todos os direitos reservados à

Editora Alinea

Rua Tiradentes, 1053 – Guanabara – Campinas-SP
CEP 13023-191 – PABX: (19) 3232.9340 e 3232.2319
www.atomoalinea.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação.....5

Capítulo 1

Tempo e Psicanálise.....13
Regina Maria L. Lopes Carvalho

Capítulo 2

O Historiador e o Tempo.....25
Margareth Rago

Capítulo 3

Tempo Real, Tempo Vivido, Representações do Tempo.....49
Angel Pino

Capítulo 4

O Tempo no Cinema, Imagem em Perspectiva.....63
Milton José de Almeida

Capítulo 5

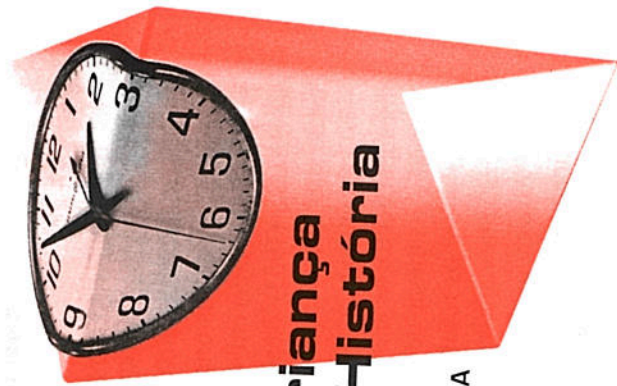
Máquinas e Homens: Utopias e o Tempo da Revolta.....69
Patrícia Piozzi

Capítulo 6

O Tempo: Memórias.....85
Max Faúndez-Abans

O Tempo, a Criança e o Ensino de História

SANDRA REGINA FERREIRA DE OLIVEIRA



Este trabalho parte de um problema assim definido: Qual a concepção de tempo das crianças de 7 a 10 anos? O que pensam a respeito do passado? Como relativizam os conteúdos que aprendem na disciplina de História às idéias espontâneas que têm do passado não vivido?

As questões formuladas nesta pesquisa partem de saberes escolares pré-selecionados e procuram encontrar a explicação lógica que a criança tem para esses saberes. Buscamos compreender o processo de construção da aprendizagem em História, utilizando-nos das contribuições da Psicologia e da Pedagogia.

Concordamos inteiramente com Jacques Le Goff (1994, p.205), quando afirma:

ser errado transpor os dados da psicologia individual para o campo da psicologia coletiva e, mais ainda, comparar a aquisição do domínio do tempo pela criança com a evolução dos conceitos de tempo através da história. A evocação destes domínios pode, no entanto, fornecer algumas indicações gerais, que esclarecem, metaforicamente, alguns aspectos da oposição passado/presente a nível histórico e coletivo.

Caminhamos em busca dessas indicações gerais.

Procuramos, na bibliografia piagetiana, explicações para a formulação da noção de tempo e do passado, na tentativa de entender quais seriam as condições cognitivas básicas necessárias para a aprendizagem de História. Nossa pesquisa seguiu o mesmo caminho proposto por Piaget em seu artigo *Psicologia da Criança e o Ensino de História* (1933). Repetimos o estudo realizado por Piaget, adaptando suas questões para crianças de um outro tempo e espaço.

O estudo proposto por Piaget, assim como ele mesmo afirma, foi superficial e necessitava de uma análise mais ampla. Aceitamos o desafio e, apesar de sabermos das limitações, propusemo-nos a refletir sobre os resultados alcançados a partir das respostas das crianças entrevistadas.

Ao reproduzirmos as entrevistas propostas por Piaget, em 1933, certificamo-nos de que os resultados encontrados são bastante semelhantes. O aprofundamento na teoria piagetiana, principalmente no que diz respeito à questão da noção do tempo, possibilitou-nos ampliar as análises realizadas e formularmos uma conclusão a respeito da construção da noção de tempo histórico na criança.

A pesquisa

O método utilizado, o mesmo aplicado por Jean Piaget, recebe o nome de “método clínico”¹. Consiste em um questionamento flexível feito à criança, sob forma de conversa livre. As perguntas são pré-elaboradas, pois nelas está contido o essencial que o

1. O “método clínico” foi amplamente utilizado por Jean Piaget e suas seguidores na realização de seus experiências. A forma de abordagem aplicada nesta pesquisa foi baseada em uma conferência realizada por Jean Piaget, em 1933, intitulada “Psicologia da Criança e o Ensino de História”. In: Parrat, S. e Tryphon, A. (org) *Jean Piaget Sobre a Pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, em que o autor apresenta o trabalho feito com algumas crianças. Trata-se de uma experiência, como o próprio Piaget denominou, – “experiência para ver” –, pois o próprio autor não se aprofunda nas questões teóricas referentes às respostas formuladas pelas crianças. No entanto, achamos válido investir no procedimento dessa pesquisa e levantar os nossos resultados para um melhor estudo do conhecimento histórico das crianças. As questões foram adaptadas à realidade brasileira.

pesquisador quer descobrir. A partir da resposta da criança, o interrogatório segue por caminhos próprios e, a cada resposta formulada pela criança, o pesquisador retirará elementos para um novo questionamento.

A pesquisa foi realizada com quarenta e uma crianças, alunos de uma escola situada em Londrina, Estado do Paraná. A escolha pela referida escola deu-se pelo fato de a mesma dedicar-se há vinte anos ao estudo das obras piagetianas, estabelecendo uma ponte entre teoria e prática. Durante o ano de 1998, acompanhamos diariamente, durante seis meses, as crianças em suas respectivas salas de aula, então turmas de 1ª, 2ª e 3ª séries, para que pudéssemos nos ambientar com seu vocabulário, sua forma de expressão e observar todas as suas reações diante das atividades escolares. A observação também tinha por objetivo a adaptação da nossa presença com as crianças.

Em abril e maio de 1999, as crianças freqüentavam as seguintes séries: 2ª, 3ª e 4ª séries. Foram realizadas as entrevistas, no período matutino, em uma sala composta de um sofá e duas poltronas. O entrevistador sentava-se ao lado da criança e solicitava permissão para gravar a conversa. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

Para efeito de continuidade do trabalho, as respostas das crianças com mais de dez anos e seis meses foram desconsideradas na análise final por estarem fora da faixa etária pré-determinada para a pesquisa², reduzindo o universo da pesquisa para trinta e sete crianças, assim distribuídas quanto à idade: oito crianças com idade entre sete anos e seis meses e sete anos e onze meses; sete crianças na faixa de oito anos; doze crianças com nove anos e dez crianças na faixa de dez anos.

Todas foram retiradas da sala de aula, durante o período de aula, e a duração de cada entrevista foi, em média, de vinte minutos. O objetivo era identificar na criança três aspectos a respeito do conhecimento histórico:

2. Estas crianças encontravam-se em atraso escolar quanto à faixa etária, mas acompanham o grupo nos quais estão inseridas quanto ao nível de pensamento.

1. Se é possível analisar a noção que a criança tem do passado, no sentido do passado não vivido, ultrapassando a memória individual. Para identificarmos a ideia que a criança tem do passado não vivido, pedimos aos entrevistados que nos contassem a respeito do descobrimento do Brasil³. Depois perguntamos se seu pai, avô ou bisavô estavam vivos naquela época.

Contrapusemos com outro fato histórico para compararmos a noção do passado não vivido e a relação temporal que fazia entre ambas. Pedimos para que a criança contasse a história de Tiradentes⁴. Questionamos se o episódio com Tiradentes aconteceu antes ou depois do Descobrimento do Brasil.

Em seguida, perguntamos à criança sobre a origem da sua família. Se ela já existia na época do descobrimento do Brasil, na época de Tiradentes, na época dos homens das cavernas e no começo do mundo. Formulamos a questão nos referindo ao nome da família da criança.

2. Se existem ou não na criança quaisquer representações espontâneas relativas à história da civilização. Após as crianças contarem a respeito do Descobrimento do Brasil e sobre a história de Tiradentes, solicitamos que respondessem se as pessoas que viveram nessas épocas viviam como nós vivemos hoje, orientando a conversa com perguntas como: *Quais são "as coisas" que temos hoje e que eram desconhecidas naquela época? As pessoas possuíam relógios, livros, trens, carros, bicicletas, óculos etc...? As*

3. A escolha do tema histórico deu-se por dois motivos: primeiro – no ano anterior, 1998, os alunos tinham desenvolvido um projeto na escola denominado RAÍZES, no qual tiveram a oportunidade de conviver com os índios da região e discutir bastante a questão do descobrimento dessas terras pelos portugueses e o que isto acarretou para os indígenas. Segundo – às vésperas da comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, o assunto estava diariamente na mídia e as crianças estavam em contato, dentro e fora da escola, com essa temática.

4. A escolha desse segundo tema relaciona-se ao fato de que dia 21 de abril é feriado comemorativo ao dia da morte de Tiradentes. No mês da pesquisa, toda a escola estava trabalhando com a história de Tiradentes e desenvolvendo um projeto a respeito de sua vida e morte. Como precisávamos de outro fato histórico para contrapor ao descobrimento do Brasil, optamos por Tiradentes.

crianças iam à escola? Como as pessoas se vestiam? Como era a cidade de Londrina naquela época?

O objetivo era descobrir como a criança imagina o passado que ela não viveu e qual a relação que ela faz com o presente que ela conhece. Essas questões exigiam que as crianças contrapassem as ideias que tinham a respeito da história da civilização com a história de seu grupo de referência, que será sempre o ponto de partida para qualquer análise espontânea.

3. Se os conhecimentos históricos e os julgamentos de valor da criança são concebidos por ela como relativos ao seu grupo social, ou como comuns a todos os homens e, por conseguinte, inquestionáveis. Para identificarmos se a criança considera seus conhecimentos e seus julgamentos históricos relativos ao grupo social ao qual pertence, ou seja, sujeitos à revisão e contestação e à revisão por parte dos outros, ou comuns a todos os homens e, portanto, absolutos⁷, foi utilizada a seguinte questão: *A História do Descobrimento do Brasil e a de Tiradentes são conhecidas apenas pelos brasileiros ou são conhecidas de todas as crianças do mundo?*

Todas as respostas foram analisadas e os trechos mais significativos selecionados e incorporados ao texto de exposição dos resultados.

Os resultados

O estudo a respeito da construção do conhecimento na criança, principalmente no que se refere à questão temporal, baseado em Jean Piaget, encontrado em seu livro *A noção de tempo na criança*, permite-nos analisar as respostas obtidas, não nos escandalizando com as supostas contradições e buscando a lógica do pensamento infantil.

5. Questões retiradas do texto "Psicologia da criança e o ensino de História", de Jean Piaget, e adaptadas para a realidade das crianças brasileiras.

6. As questões foram retiradas do artigo Piaget, J. "Psicologia da criança e ensino de História". In: Parat, S. e Tryphon, A. (org.) Jean Piaget Sobre a Pedagogia. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1998 pp. 89-95.

7. Idem.

Jean Piaget (1998, p. 89) aponta para alguns dos principais problemas ainda não investigados sobre o processo de construção do conhecimento em História. Segundo o autor, "pode-se inclusive afirmar que ainda ignoramos como a criança imagina o passado não vivido, ou seja, tudo o que, no passado, ultrapassa a memória individual".

Piaget (1998, p. 91) discute que, para compreender a História, é necessária a noção do tempo e compara essa noção com a de tempo individual:

a compreensão da história supõe a noção de tempo, sob o duplo aspecto da avaliação da duração e da seriação dos acontecimentos. Contudo, tudo o que sabemos atualmente sobre a memória da criança mostra que, mesmo no terreno do tempo individual, a duração é mal-mensurada e as lembranças não são corretamente ordenadas. Com mais razão ainda, o mesmo deve ocorrer no que concerne ao passado não vivido.

Piaget (1998, p. 92) conclui, em seu artigo "Psicologia da Criança e o Ensino de História", que as pesquisas, ainda que superficiais, já apresentavam dados reveladores:

mesmo no que concerne às realidades mais concretas ou mais conhecidas da criança, o passado aparece concebido em função do presente e não o inverso. Ora é precisamente nessa inversão das perspectivas que consiste a compreensão do devir histórico.

O próprio autor afirma que não desenvolveu todos os requisitos necessários para uma abordagem profunda a respeito. Conforme o autor em questão,

não devemos, evidentemente, tirar dessas poucas sondagens toda uma pedagogia e toda uma pedagogia. Mas se, de fato, como aliás defendemos a propósito da revisão dos manuais escolares, a educação do senso histórico da criança pressupõe a do espírito crítico ou objetivo, a da reciprocidade intelectual e a do senso das relações ou das escaladas, nada mais parece apropriado para determinar a técnica do ensino da História do que um estudo psicológico das atitudes intelectuais espontâneas da criança, por mais ingênuas e insignificantes que possam parecer à primeira vista (Piaget, 1998, p.95, grifo nosso).

A noção de passado

Para todas as perguntas formuladas, encontramos três tipos de respostas: a afirmativa, a negativa e a terceira, que denominamos de intermediária, porque a criança não tem certeza, ora afirmando que sim e depois que não, ou vice-versa.

Passamos aos resultados encontrados em cada grupo de questionamento. Após a apresentação de cada quadro, analisamos alguns depoimentos selecionados e passamos, então, à análise teórica.

Encontramos, nas falas das crianças, muitas semelhanças com os resultados relatados por Piaget quanto à construção do tempo físico. Não ousamos classificar as crianças por fases ou etapas, por entendermos que os limites de investigação não nos dão base para tal classificação. Seria necessária uma abordagem mais ampla, com mais de 37 crianças e, conseqüentemente, um aprofundamento muito maior no pensamento infantil, baseado na teoria de Jean Piaget.

Optamos por comparar e comentar as entrevistas, sempre à luz dos conhecimentos teóricos e, em alguns momentos, deixar ganchos para posteriores estudos.

1. Seu pai estava vivo na época do Descobrimento do Brasil? (A questão é formulada novamente a respeito do avô e do bisavô).

	Pai			Avô			Bisavô		
	Sim	Int.	Não	Sim	Int.	Não	Sim	Int.	Não
7;06 a 7;11 anos	13%		87%	24%	24%	52%	63%	13%	24%
8 anos			100%	14%	14%	72%	14%	29%	57%
9 anos			100%			100%	25%	17%	58%
10 anos			100%			100%		30%	70%

Os resultados apresentados na tabela acima confirmam as conclusões de Piaget (1998, p. 92) quanto à crença das crianças entre 7, 8, 9 e até 10 anos sobre a vida de seus antepassados em um tempo bastante remoto:

Aos 7 anos, ainda encontramos crianças que acreditam que seu pai assistiu ao acontecimento. Entre 8 e 10 anos, um grande número continua pensando isso sobre seu avô ou bisavô. A partir de 10 anos, em contrapartida, a média dos sujeitos responde que não sabe, ou que é algo muito mais velho.

Analisando a tabela, percebemos que, quanto mais nova a criança, maior a crença de que seu avô ou bisavô estaria vivo na época do Descobrimento do Brasil. Encontramos uma criança que afirma que seu pai estava vivo naquela época.

Aos 8, ainda ocorreram muitas afirmações sobre a crença da vivência do avô ou bisavô. Aos 9 anos, no entanto, nenhuma criança afirma a vivência do avô, mas uma grande parte sustenta a vivência do bisavô. Aos 10 anos, ainda encontramos algumas afirmações a respeito do bisavô, mas elas já são em número bem reduzido.

Eis algumas entrevistas:

IVA 7;11

Ivan, você pode contar para mim a história do Descobrimento do Brasil, o que você sabe? Ah, é o Pedro Álvares Cabral estava navegando no mar. Era barco à vela. Dai o vento, o vento estava para um lado. Depois o vento foi para outro. Ele estava indo descobrir o outro país não sei qual é. Ai o vento bateu para o outro lado e ele foi para o Brasil e quando ele chegou no Brasil só tinha índio, não tinha nenhuma pessoa assim, só índio. Quando isso aconteceu? Ah, eu não sei. Em 1500. Está bem? Quando aconteceu o Descobrimento do Brasil? 1500. Seu pai era vivo quando isso aconteceu? Não. Por quê? Ah, porque isso era muito antigamente, nem acho que meu avô existia. O que é muito antigamente? Ah, faz muitos anos, faz muitos anos que isso aconteceu. Quanto você acha muitos anos? Faz 400 e alguns anos. (Possivelmente chegou a esse resultado através do cálculo 1900 - 1500) 400 é muito tempo? É. Seu avô era vivo na época do Descobrimento do Brasil? Meu avô? Acho talvez sim. Por que você acha que sim? Porque meu avô faz muito tempo que ele nasceu e que ele viveu. E seu bisavô era vivo na época do descobrimento do Brasil? Meu bisavô era. Por quê? Porque faz muito tempo que ele nasceu e que ele viveu e também faz muito tempo que aconteceu isso, o Descobrimento.

MAN 8;05

Eu queria que você contasse para mim a história do descobrimento do Brasil. Existiam muitos homens nativos, eles foram para o Brasil uma terra que ainda não tinha sido descoberta. Pedro Álvares Cabral estava indo para as Índias e ele errou o caminho e foi para para Brasil. Então ele descobriu os nativos. Ele pensou que fossem índios. Contou para o rei, então eles decidiram tornar os nativos escravos deles e tempo foi passando e eles sendo escravos, depois eles se cansaram. Eles descobriram o Brasil em 1500, e em 1722, eles cansaram de trabalhar para Portugal. Em 1500 seu pai era vivo? Não. Por quê? Porque passou mais de cem anos ele não tem cem anos. E seu avô era vivo? Não. Por quê? Porque já passou mais de 300 anos e meu avô morreu com 98. E seu bisavô? Meu bisavô já morreu. Mas ele era vivo na época do descobrimento do Brasil? Não sei. Você acha que ele poderia ser ou não? Não. Por quê? Porque o ser humano só vive até 120 anos, né?

ISA 9;02

Você pode contar para mim o que você sabe da história do descobrimento do Brasil? Descobrimento do Brasil. Eu sei que quem foi, que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral e só. Quem estava aqui quando Pedro Álvares Cabral chegou? Só os escravos. Como era o Brasil nesse período? Era o rei e a rainha que comandavam e os escravos não eram felizes com o rei e a rainha no comando. Você sabe quando aconteceu isso? Eu, eu não. O Descobrimento do Brasil aconteceu no ano de 1500? Tá. Seu pai vivia nessa época? Em 1500, não. Por que não? Porque naquela época meu pai ainda não tinha nascido. E seu avô? Meu avô, eu acho que tinha. Por quê? Porque ele nasceu faz tempo né e morreu também faz tempo. E seu bisavô? Bisavô... Ele tinha. Por quê? Porque apesar dele ser meu bisavô né, ele nasceu muito antes do meu avô e deve ter morrido bem antes. Ele viveu na época do descobrimento do Brasil? Viveu.

REN 10;03

Conta para mim a história do descobrimento do Brasil? Ah, as tropas lá de Portugal saíram para investir nas Índias. Dai eles, eu acho, erraram alguma coisa. Eles foram parar aqui na costa aqui do Brasil. Quando Pedro Álvares Cabral gritou "terra à vista", eles foram ver o que era. Eles estranharam muito porque nunca tinham visto esse povoado. Eles começaram a conhecer, depois, teve muitas guerras. Primeiro eles ficaram amigos, depois eles tiveram algumas guerras. Depois os portugueses começaram a escravizar os índios e foram pegando todas as terras, utilizando os índios, tudo. E quando tudo isso aconteceu? Em 1500. 1500? É em 1500. Seu pai já era vivo? Não. Por que não? Porque o meu pai ainda tem quarenta, quarenta e um anos

então ele não era vivo. Porque daqui para cá já são, são 499 anos, meu pai não tem tudo isso. E seu avô? Não, ele também não, ele tem sessenta e poucos anos. E seu bisavô? Meu bisavô também eu acho que não. Por quê? Porque ah, eu acho que meu bisavô era uns vinte ou trinta anos a mais que meu vô né, então, sessenta mais trinta é noventa, ele tinha que ter noventa e poucos anos, não dá 499.

Primeiramente, é salutar destacar a especificidade do relato que cada criança faz a respeito da história do Descobrimento do Brasil e, veremos, posteriormente, o mesmo a respeito de Tiradentes. Não cabe neste espaço tal discussão, mas a interligação entre o que a criança aprende através das leituras, com a interferência ou não do professor ou em seu próprio cotidiano fora da escola e a interpretação individual resulta em um discurso pessoal, em que os acontecimentos históricos são recontados a partir de uma lógica própria da criança.

Piaget afirma que a noção de tempo alicerça-se sobre um duplo aspecto: avaliação da duração e da seriação dos acontecimentos. Para responder à questão proposta, acreditamos que a criança tenha que buscar uma sucessão, a vivência de seu pai, avô e bisavô e, ao mesmo tempo, avaliar a questão da duração de vida de cada um para poder concluir a respeito da possibilidade de estarem vivos ou não em 1500.

A questão parece simples. Ninguém vive por tanto tempo e as crianças têm noção desse fato. Por que algumas crianças, as mais novas, mesmo efetuando cálculos matemáticos, falham ao analisar tal questão?

Podemos buscar a explicação analisando algumas diferenças na forma de resolver o problema.

IVA (7;11) analisa que o pai não estava vivo porque ocorreu há muito tempo (até elabora um cálculo a respeito). No entanto, afirma que seu avô e bisavô estavam vivos em 1500, mesmo sabendo ser há 400 anos. A resposta "*faz muito tempo que ele nasceu e que ele viveu*", coloca esse avô em um passado em que não importa de quantos anos seja. É passado. Tanto que, se para o avô ele utiliza a dúvida, "*acho que sim*", para o bisavô, que é mais velho, não há dúvida alguma.

IVA só está levando em consideração a sucessão dos nascimentos: (pai + novo que avô, que é + novo que bisavô. Não é possível para IVA relacionar o fato de que está analisando um passado de 400 anos atrás com a vida de pessoas, porque ele só pode trabalhar com um pensamento de cada vez. Não há um pensamento operatório temporal; se houvesse, IVA levaria em consideração os cálculos que efetuou (1900-1500) e chegaria a uma conclusão diferente.

O mesmo tipo de reflexão encontramos em ISA (9;02). Ela somente leva em consideração a sucessão dos nascimentos e não analisa a duração de tempo de vida de uma pessoa.

É o que MAN (8;05) já começa a fazer. Na dúvida sobre a possibilidade de seu bisavô ter vivido ou não na época do Descobrimento do Brasil, ele compara com o tempo de duração de uma vida humana e conclui que não é possível que o bisavô tenha vivido nesta época "*porque o ser humano só vive 120 anos*".

Já REN (10;03) apresenta respostas que expressam o estabelecimento de uma relação entre a sucessão e a duração e vai, através de seus cálculos, explicando por que não é possível afirmar que seu pai, avô e bisavô estavam vivos na época do Descobrimento do Brasil. Seu pensamento opera no tempo e permite analisar cada aspecto em separado (sucessão e duração) e utilizar-se de ambos na construção de seu raciocínio.

2. A história de Tiradentes aconteceu antes ou depois da história do Descobrimento do Brasil?

	Antes	Depois
7;06 a 7;11	12%	88%
8 anos		100%
9 anos		100%
10 anos		100%

Um aspecto interessante apresenta-se nesta análise. Nenhuma criança justifica o fato da história de Tiradentes ter acontecido depois do descobrimento do Brasil com o seguinte pensamento: “1792 vem depois de 1500”. Todas elas, com exceção das crianças que se baseiam no dia do mês referente a esses dois acontecimentos (21 de abril para Tiradentes e 22 para o Descobrimento do Brasil) e acabam por concluir que o episódio de Tiradentes é anterior ao do Descobrimento do Brasil, justificam pela causalidade histórica dos fatos.

Eis algumas entrevistas⁸:

CAR 7; 08

Você conhece a história de Tiradentes? Conheço. Conta para mim o que você conhece. É que Tiradentes e os outros estavam fazendo uma reunião. Era secreto porque era contra a lei do rei e quem desobedecesse o rei seria eliminado. Uns dos guardas que estava com Tiradentes foi lá e contou para o outro guarda sobre tudo da reunião e o guarda contou para o rei. O rei falou que era para trazer a pessoa mais importante de lá, que estava dando idéias, muitas idéias para poder saber o que eles estavam planejando. Tiradentes foi enforcado e foi distribuído em várias partes mostrando que quem desobedecesse a lei do rei ia ser eliminado também. Então, você sabe quando aconteceu a história de Tiradentes? Não. Foi antes ou depois do descobrimento do Brasil? Foi depois. Por quê? Ah, porque dia, no dia 22 nós comemoramos o descobrimento do Brasil, e minha professora falou que dia 21 de abril era dia de Tiradentes e que ia ser feriado porque é uma história nacional. Ai no próximo dia seria o dia do descobrimento então eu acho que foi antes. (diante da explicação, não foi colocado em questão o ano da morte de Tiradentes) A história de Tiradentes foi antes do descobrimento do Brasil? É.

BER 7;11

Você sabe a história do Tiradentes? Sei. Conta para mim. É ele, é, quando os portugueses chegaram, queria, estava tendo escravidão. Ele queria que acabasse e ele ia lá fazer um plano só que ele tinha uma equipe lá só que daí uma pessoa da equipe foi e contou para o rei e daí ele descobriu e matou o Tiradentes. Por que ele matou o Tiradentes? Para mostrar que, quem quisesse ir contra ele ia morrer também. E o que o Tiradentes queria

8. São fragmentos de entrevistas. Antes dessa parte apresentada, as crianças foram questionadas a respeito do descobrimento do Brasil.

mesmo? Ele queria que acabasse a escravidão. Quando aconteceu a história de Tiradentes? Acho que 1700 e talvez alguma coisa e nove, cinquenta e nove eu acho. Foi antes ou depois da história do descobrimento do Brasil? Depois, porque daí já tinha gente no Brasil já tinha o rei de Portugal tudo.

JUL 9;10

Você sabe a história de Tiradentes? Mais ou menos. Então conta para mim. Ah, eu sei que é. Ele tentou defender o Brasil porque os portugueses estavam tentando as nossas terras. E o que aconteceu? Ele morreu enforcado e cortaram várias partes do corpo dele e colocaram num monte de lugar no Brasil. E quando aconteceu isso com Tiradentes você sabe? Foi antes ou depois do Descobrimento do Brasil? Acho que foi depois. Por quê? Porque ele tentou defender o Brasil dos portugueses que queriam as terras. Então tinha que ser depois.

FAB 10;06

E você conhece a história de Tiradentes? Ah, conheço. Então conta para mim. Que ele foi da Inconfidência Mineira que... que estava ainda em Portugal porque tinha muitas riquezas no Brasil. O Brasil ficava para fora de tudo que tinha de bom, lá eles tiravam daí eles ficavam, eles treinavam grupos... de soldados lá tantas pessoas e foram batalhar no reino lá, aí eles conseguiram. Depois Tiradentes foi enforcado e esquartejado e as partes dele foram colocados pela praça. E quando aconteceu isso você sabe? Depois do descobrimento. Por que você acha isso? Ah, porque quando isso aconteceu o Brasil já era descoberto.

A criança justifica a ordem cronológica através da relação causal entre os dois fatos e não o faz, simplesmente, pela seqüência numérica dos anos. Talvez porque a relação causal é mais lógica para ela do que a seqüência cronológica.

Essa é uma questão bastante interessante e nos coloca a pensar sobre como a criança vai compreendendo a questão do tempo histórico. Os dados levantados não nos levam a uma conclusão, mas, sem dúvida, um estudo abrangendo mais sujeitos seria bastante enriquecedor e reafirmaria que o tempo, como defendemos, não é somente uma seqüência numérica, é uma relação causal.

3. Sua família (usando o sobrenome da criança) já existia na época de Tiradentes? (Repete-se a pergunta alternando a época do Descobrimento do Brasil, com a época dos homens das cavernas e com o começo do mundo).

	Tiradentes		Descob. do Brasil		Homens das Cavernas		Começo do Mundo		
	sim	Int. não	sim	Int. não	sim	Int. não	sim	Int. não	
7:06 a 7:11 anos	50%	25%	25%	13%			100%	25%	75%
8 anos	43%	14%	43%	29%	29%	29%	71%	29%	71%
9 anos	33%	33%	33%	42%	25%	42%	100%	8%	92%
10 anos	50%	20%	30%	20%	30%	40%	70%	10%	80%

Em suas pesquisas, Piaget (1998, p. 92) constatou que a referência à antiguidade da família é bastante freqüente entre as crianças pequenas. Com relação aos maiores, a idéia de antiguidade persiste, mas não ligada ao nome, que é concebido como recente.

Entre os maiores, a idéia subsiste freqüentemente, mas com a nuance de que o nome é concebido como recente. Por exemplo, um menino de 10 anos supõe que, desde o tempo dos lacustres e dos homens das cavernas, os membros de sua família existiam, mas não com seu nome; não se tinha necessidade de dar nomes, porque havia "pouca gente". Foi somente mais tarde, para distinguir os homens, que o "Grande Conselho (Câmara dos Deputados) do mundo inteiro" tomou a decisão de distribuir os nomes de família.

Em nossas pesquisas encontramos, entre as crianças de sete anos, cinqüenta por cento afirmando que sua família existia na época de Tiradentes, o que encontra relação com o quadro anterior, em que essa mesma porcentagem de crianças afirmou que seu avô, ou bisavô estava vivo no mesmo período.

Os resultados de nossas pesquisas confirmaram que as crianças de sete anos acreditam que sua família existia na época de Tiradentes, do descobrimento do Brasil, dos homens das cavernas e na origem do mundo.

As respostas apontam para um outro fato: algumas crianças trabalham com a possibilidade de seus antepassados formarem uma cadeia contínua de gerações, que culmina com ela. Essa análise já aparece muito bem explicada nas crianças de dez anos quando justificam que pode não ter existido alguém com o sobrenome da família, mas houve um antepassado comum.

Vejamos alguns exemplos:

ANA, 7;08

A sua família já existia no tempo de Tiradentes? Não. Por quê? Porque já é mais de um século. E sua família já existia no tempo do homem das cavernas? Não. Por quê? Porque antes do Pedro Álvares descobrir o Brasil tinha... os dinossauros. Depois teve a idade da pedra, depois veio.... E na época do descobrimento do Brasil, sua família já existia? Não. Por quê? Porque foi há muitos anos atrás. E na época do começo do mundo, sua família já existia? Não. Quando sua família começou a existir? Ah, quando a minha vô... Ah, a minha tataravó. Foi no século passado.

BER, 7;11

A sua família já existia na época de Tiradentes? Acho que sim. Por quê? Não, acho que não, por que, acho que eram pessoas que vinham e daí iam nascendo gente daí depois, depois de nascer um monte de pessoas aí, nasceu o meu pai e nasceu os Heer. E os Heer já existiam na época dos homens das cavernas? Não, os homens da caverna não tinham sobrenome. Por quê? Por que eles não falavam assim eles só ficavam fazendo sinal. Quem cria o sobrenome da família? É uma pessoa uma mais velha da família. E os Heer já existiam na época do descobrimento do Brasil? Não. Por quê? Porque foi uma pessoa depois ela nasceu, ela teve um monte de filhos e um filho começou a ter nome alguma coisa como Heer. Daí ele colocou alguma coisa diferente no outro e colocou Heer e daí ele ia colocando e ia mudando mais acho que não faz muito tempo. Quem ia "colocando"? É a pessoa mais velha assim e quando tinha filho ia colocando o nome. E a sua família já existia no começo do mundo? Você fala meu pai, minha mãe? Os Heer.. Ah, acho que sim, por que, eles bem no começo era o homem das cavernas. Na verdade é primeiro... aqueles animais lá, depois era dinossauro depois os mamíferos daí nasceu o... gente, dessas pessoas começaram a nascer outras, outras e outras e outras dessas outras aí elas tiveram filhos. Seus filhos tiveram filhos e ficaram... um dos filhos tiveram meu pai e o resto.

GUI, 8;04

Sua família já existia na época de Tiradentes? Acho que já. Por quê? Porque meu pai tem um pai, e o pai dele tem um pai, e o pai dele tem um pai... uma família. Sua família já existia na época do descobrimento do Brasil? Ah, eu acho que tinha porque... tinha um pai do meu tataravô. E na época da origem do mundo? Acho que não. Por quê? Porque é muito tempo, não dá para ter um tataratataratataravô do meu pai. E na época dos homens das cavernas? Não. Por quê? Ah, existia um só, né?

DAN, 9;11

Sua família já existia no tempo de Tiradentes? Ah, eu não sei. Eu acho que, eu acho que não. Por quê? Ah, porque o sobrenome da minha família não é muito... é... como fala... Conhecido. Uma família com sobrenome comum já existiria? Ah, poderia existir. E no tempo dos homens das cavernas, sua família já existia? Não. Por quê? Porque os homens das cavernas eles eram antes de Cristo e aí eu acho que... eu acho muito difícil ter uma família que vem até dos homens das cavernas: E no tempo do descobrimento, sua família já existia? Acho que também não. E na origem do mundo? Não. Por quê? Porque ainda quando teve a origem do mundo ainda não existia vida, vida no mundo.

PED 10;04

Os Alcântaras já existiam na época de Tiradentes? Eu acho que já. Por quê? Porque no Brasil é Alcântara do Brasil, e lá, antes, quando o Brasil estava sendo descoberto podia ser de outro lugar. Então não existia. E na época do homem das cavernas os Alcântaras já existiam? Muito menos. Por quê? Porque nem existia o Brasil. E no começo do mundo? Também não. Por quê? Não existia o Brasil, não existia também os Alcântaras do Brasil.

PAU, 10;05

A sua família já existia na época de Tiradentes? Não. Por quê? Ah, porque em 1792 eu acho que ninguém da minha família tinha nascido. E na época do homem da caverna, sua família já existia? Não. Por que não? Ah, porque na época do homem da caverna é uma época muito antiga e meus avós e meus bisavós assim, não são tão antigos assim. E na época do descobrimento do Brasil, sua família já existia? Não. E no começo do mundo? Também não. Por quê? Na verdade, no começo do mundo acho que existia, porque quem foi dando geração a minha família foi Adão e Eva. Realmente, então eu acho que tinha sim origem da minha família.

Novamente, a busca de relações causais é procurada pelas crianças, em suas explicações, muito mais do que a simples análise cronológica. Elas buscam estabelecer uma cadeia de relações para chegarem às conclusões.

BER (7;11) estabelece uma sucessão de parentesco entre os antepassados que possibilita a existência em todos os tempos. Mas se contradiz quando tem que responder em relação ao homem da caverna, afirmando que o homem existia, mas o nome não. Na última questão, fecha seu pensamento, relatando como ele entende a sucessão (dinossauros – mamíferos – homens), até a chegada de seu pai.

A mesma cadeia de parentesco elabora GUI (8;04). No entanto, acha que não é possível ter um ancestral tão distante. PED (10;04) responde que sua família já existia na época de Tiradentes. Depois, quando procura explicar, relacionando com o espaço, encontra dificuldade, porque não pode explicar a existência da família sem a existência do lugar onde eles estão. Justifica todas as suas respostas relacionando-as com o lugar: como não existia Brasil, sua família, os “Alcântaras do Brasil” não poderiam existir.

Em sua análise, PAU (10;05) afirma durante as questões que sua família não existia nos tempos questionados. Porém, quando questionado a respeito da origem do mundo, responde que a origem de sua família remonta a essa época. Desconsidera que, se existia no início do mundo, conseqüentemente, existiria nos outros tempos que lhes são posteriores.

4. A cidade de Londrina já existia na época de Tiradentes?

	Existia	Intermediário	Não Existia
7;06 a 7;11 anos	50%		50%
8 anos	71%		29%
9 anos	67%		33%
10 anos	20%	20%	60%

Deparamo-nos com resultados surpreendentes. Grande parte das crianças concebe a existência de Londrina desde a época de Tiradentes, independentemente de tudo o que tenha sido estudado

ou discutido a respeito. Os alunos sabem a idade da cidade de Londrina (na época da pesquisa, sessenta e seis anos). Eles entrevistaram pessoas que vieram para “começar” a cidade. Conheceram e conviveram com indígenas durante mais de dois meses, escutando suas histórias e comparando-as para saber como era esse espaço que hoje habitamos, antes da “colonização”.

Mesmo assim, sessenta e sete por cento (67%) das crianças com nove anos, setenta e um por cento (71%) das com oito anos afirmam que Londrina existia na época de Tiradentes. O que leva essas crianças a pensarem desta forma? Vejamos: podemos pensar que elas não situam temporalmente “a época de Tiradentes” e a concebem como um passado atemporal, o que também fazem com a história da cidade de Londrina. Ambas estão no passado, portanto no mesmo tempo.

Uma análise minuciosa das respostas leva à reafirmação da idéia de que as crianças elaboram explicações causais espontâneas para tornar a história algo coerente para elas mesmas. Vejamos alguns exemplos:

CAR, 7;08

A cidade de Londrina existia na época de Tiradentes? *Existia E como que era a cidade de Londrina na época de Tiradentes? Era assim, era tipo de uma ilha só que com mar e com animais.*

CEC, 8;00

A cidade de Londrina existia na época de Tiradentes? *Existia Como era a cidade de Londrina na época de Tiradentes? Muito pequena, muito pequena... com casa de madeira e mata.*

ANA, 7;10

A cidade de Londrina existia na época de Tiradentes? *Existia Como era a cidade de Londrina na época de Tiradentes? Era velha porque já faz muito tempo. Como era a cidade de Londrina? Descreva para mim? Tudo era velho, de madeira, não tinha asfalto nem praça. Como aparece no filme quando mostra uma cidade velha.*

As respostas demonstram que as crianças constroem, para si própria, uma explicação difícil de ser interpretada pela lógica adulta, mas, sem dúvida alguma, carregada de significados.

Idéias espontâneas relativas à história da civilização

Buscamos interpretar quais as idéias de passado que a criança elabora a respeito de um tempo que não viveu. Essas idéias estão diretamente relacionadas com o mundo em que ela vive e é a partir da análise desse mundo que a criança interpreta o passado.

Chegamos às mesmas conclusões de Piaget (1998, p. 93) a respeito da forma como a criança vê o passado:

em princípio, a criança afirma de antemão que no passado tudo era diferente de hoje. Mas essa oposição desaparece rapidamente diante da análise: na verdade, o passado é para a criança apenas um decaque do presente, mas com uma espécie de aparência antiquada, artificialmente a tudo. Em outras palavras, as locomotivas não eram como as nossas, elas eram pequenas e lentas, os triciclos substituíam as bicicletas, “os carros não eram como agora” por não serem fechados etc. Mas todas as descobertas modernas já tinham um equivalente, sem que tenha havido entre elas qualquer seriação temporal.

Transcrevemos alguns trechos significativos das entrevistas que comprovam a citação acima.

RAF, 7;08

Existia relógio na época do descobrimento do Brasil? *Naquela época não. Existiam livros? Existia. E como eles eram? Eles eram com folhas sujas com capa dura. Existiam carros? Carros não. Ah.. tinha ... mas eram bem velhos e pequenos. E ônibus? Ônibus também não. Avião? Avião não. E o que existia naquela época? Naquela época existia é castelo, rei, rainha, não tinha esse negócio de computadores, automóveis, casas. Como as pessoas viajavam? Viajavam, elas viajavam é, de aviões feito de madeira não assim, como tem hoje. As crianças iam à escola na época de Tiradentes? Iam. E como eram as escolas? Só tinha uma escola e ela era muito velha.*

SIL, 8;00

Existia relógio na época do Descobrimento do Brasil? *Não. E livros? Existia. Como eles eram? Ah, eles eram assim como o nosso só a capa não era igual. Como era a capa? Eu acho que é de couro. Existia trem? Claro que sim.*

Como eram os trens? Era com aquela coisa que saía fumaça, era diferente. E ônibus? Existia. Como era o ônibus? Era sem capota. As crianças iam à escola na época? Sim. Como era a escola? Ah, era uma casa normal. Não era uma escola como é hoje. Explique como era. Era de madeira, com bancos de madeira.

DAN 9;11

Existia relógio bem antigamente, no tempo do descobrimento do Brasil? Existia. Como era? Ah, os primeiros homens das cavernas, eles comiam, eles descobriram o relógio com o sol, aí foi evoluindo, evoluindo. E livros existiam? Existia. Mas as páginas dos livros eram mais finas, eram mais frágeis. E trens existiam? Ah, eu acho que sim. Por que você acha? Ah, porque o que eles... a eles precisavam se transportar de algum jeito. Óculos existiam? Óculos de sol ou óculos "de grau". Qualquer um dos dois. Ah, existiam aqueles óculos pequeninhos que as pessoas usavam para ver assim (mostra com as mãos nos olhos). E aviões, existiam? Na época do descobrimento do Brasil? Existiam. Como eram os aviões? Ah, eles eram diferentes, eles não eram fechados. Eram iguais o do Santos Dumont. As pessoas iam à escola? Iam. Como eram as escolas? Ah, as escolas eram de madeira e bem pequenas. Não tinha mesa nem cadeira.

POT, 10;04

E naquela época (do descobrimento do Brasil) eles tinham relógio? Já... relógio deveria ser diferente, mas já tinha. Você tem idéia de como poderia ser? Ah, eu acho que é... aqueles relógios com aqueles, como que é o nome daqueles números, aqueles pauzinhos que o número um é um pauzinho, o dois, dois pauzinhos... Romanos? É romanos. E livros você acha que tinha? Tinha, mas não eram livros assim feitos de papel, não sei de que era mais era um material diferente. E trem, existia? Trem tinha. Só que não tinha bastante, tinha um pouco menos. Eles usavam um pouco mais do que hoje em dia, porque naquela época, não tinha muito automóvel, eles usavam o trem. E ônibus? Eles tinham ônibus antigamente? Tinham. Só que o ônibus era diferente e tinha menos que hoje em dia. Como é que era? Ah, o ônibus não tinha porta fechada, era um pouco aberto dos lados ele... ele era... era um pouco menor e tinha menos porta.

A análise das crianças parte do presente. Tudo o que elas conhecem sempre existiu no passado, só que de forma diferente. A "diferença" caracteriza a divisão temporal. Conforme Piaget (1998, p. 93), "o passado é um vasto reservatório onde se encontram reunidos todos os embriões das máquinas ou dos instrumentos contemporâneos".

A relatividade dos conhecimentos históricos

O terceiro e último ponto analisado procura identificar se as crianças consideram seus conhecimentos e seus julgamentos históricos relativos ao grupo social ao qual pertencem, ou seja, sujeitos à contestação e à revisão da parte dos outros, ou comuns a todos os homens e, portanto, absolutos (Piaget, 1998, p. 94).

Questionamos junto às crianças se a história de Tiradentes é estudada apenas pelas crianças brasileiras, ou é estudada por crianças de todo o mundo.

	Por todas as crianças do mundo	Apenas pelas crianças brasileiras
7,06 a 7,11 anos	88%	12%
8 anos	71%	29%
9 anos	58%	42%
10 anos	20%	80%

A quantidade de crianças que afirmam que a história de Tiradentes é estudada por todas as crianças do mundo, na faixa dos sete anos é bastante alta, oitenta e oito por cento (88%). Esta porcentagem vai-se reduzindo à medida que as crianças vão crescendo, caindo para vinte por cento (20%) entre as crianças de dez anos.

A criança pequena parte de uma análise egocêntrica, julgando que, como é importante para ela, é importante para todos. Eis algumas entrevistas:

CAR 7;08

A história de Tiradentes é estudada apenas pelas crianças brasileiras, ou é estudada por crianças de todo o mundo? Criança da minha idade? Então é. Porque criança pequena, do pré, não sabe ler. Por que a história de Tiradentes é estudada por todas as crianças da sua idade, do mundo? Por que todo o mundo sabe e estuda e porque dia vinte e um é feriado nacional.

MAR 8;03

A história de Tiradentes é estudada apenas pelas crianças brasileiras, ou é estudada por crianças de todo o mundo? Por crianças de todo o mundo. Por quê? *Porque faz parte da história do mundo.*

DAN 9;11

A história de Tiradentes é estudada apenas pelas crianças brasileiras, ou é estudada por crianças de todo o mundo? *Ah, as crianças de todos os países do mundo não. Acho que é só perto do Brasil. Por quê? Ah, porque eu acho que, ah, não sei as pessoas não deviam se interessar, porque não foi importante para eles.*

REN, 10;03

A história de Tiradentes é estudada apenas pelas crianças brasileiras, ou é estudada por crianças de todo o mundo? *Só as crianças do Brasil, que estão na escola, estudam essa história. Por quê? Porque Tiradentes é uma pessoa que não era conhecida pelo mundo todo, é, eu acho que o limite é até Portugal, porque Portugal teve muito contato com o Brasil, e o Tiradentes foi um brasileiro, mas o outro mundo, o Tiradentes não foi muito importante, é, eu acho que ele foi importante, mas pode ser que para outras pessoas ele não foi, então, não foi crescendo a divulgação desse assunto.*

O distanciamento que a criança vai tomando em relação às suas análises, para poder emitir um julgamento quanto a importância do fato, é reconhecível nas respostas.

Partindo de uma análise centrada em si mesma, egocêntrica, as crianças de sete anos não conseguem interpretar de forma diferente: se eu estudo porque é importante para mim, é importante para todas as crianças do mundo. Com o desenvolvimento do pensamento, há possibilidade de uma descentração e uma análise de outro ponto de vista. A resposta de REN (10;03) demonstra a afirmação acima. Ele analisa que a história de Tiradentes é importante, mas para uma determinada localidade.

As análises aqui realizadas detiveram-se em três abordagens: a noção de passado, as idéias espontâneas a respeito da história da civilização e a relatividade dos julgamentos históricos. Em cada uma delas buscamos refletir como as crianças vão elaborando o seu pensamento. Nossos resultados foram muito semelhantes aos de Piaget (1998, p. 95), o que comprova que existe, certamente, um

processo de construção do pensamento quanto à história e, portanto, quanto ao passado.

As primeiras reações que notamos em nossos sujeitos não são simplesmente o reflexo de conhecimentos escolares mal digeridos: elas dão prova de uma atitude especialmente pueril em presença do passado. O passado infantil não é nem distante, nem ordenado em épocas distintas. Ele não é qualitativamente diferente do presente. A humanidade permanece idêntica a si própria, tanto na sua civilização como nas suas atitudes morais. E, sobretudo, o universo está centrado no país ou até na cidade à qual pertence o sujeito. O egocentrismo é, portanto encontrado no terreno histórico da mesma forma como ele existe em todas as representações da criança. Por outro lado, essas reações pueris prestam-se à análise psicológica. Longe de escapar à investigação, elas se revelam em qualquer conversa.

Concluindo: o tempo, a criança e o ensino de História

Refletir sobre a práxis é essencial para que o professor deixe de ser um mero transmissor de conteúdos, elaborados em determinadas épocas e selecionados, por diversas razões, como currículo básico a ser transmitido aos alunos.

O diálogo teórico-prático é condição primeira para que possa haver uma reflexão sobre a práxis. Dialogar não supõe hierarquizar. A teoria, utilizando as palavras de Selma Garrido Pimenta (1997, p. 92),

projeto de uma prática inexistente, determina a prática real e efetiva. Por outro lado, a teoria que ainda não está em relação com a prática, porque se adianta a ela, poderá ter essa relação posteriormente – nova teoria de nova prática e assim por diante.

No ensino de História, temos vivenciado esse diálogo entre teoria e prática. A reflexão sobre o que se deve trabalhar e como

fazê-lo tem estado presente nos encontros realizados nos últimos dez anos e, lentamente, vai chegando às salas de aula.

Ao relacionarmos teoria e prática, nesta pesquisa, buscamos estabelecer uma ponte para a compreensão de como se constrói a noção de tempo em crianças de sete a dez anos e, conseqüentemente, a noção de passado.

No que se refere à noção de passado, percebemos que a criança analisa os acontecimentos através de sua lógica operatória. Ela não é capaz de relacionar a duração de vida de seu pai, avô ou bisavô com a idéia de sucessão no tempo. As crianças com sete anos concluem, com freqüência, que seu bisavô estava vivo na época do descobrimento do Brasil porque ele é muito velho. Mesmo quando efetuam cálculos matemáticos, contradizem-se ao analisar esses resultados com relação ao tempo. Isso comprova a idéia de que o tempo histórico é uma construção causal e não meramente cronológica. Ou seja, o fato de a criança saber que seu avô ou bisavô tem sessenta e dois anos e também saber que o descobrimento do Brasil ocorreu há quinhentos anos não impossibilita a elaboração da seguinte conclusão: meu avô ou bisavô viveu no tempo do descobrimento porque ele é muito velho.

O desprezo pela interpretação cronológica como fundamental para compreensão do tempo histórico aparece novamente, nas respostas das crianças, quando explicam que o acontecimento com Tiradentes é posterior ao descobrimento. A maioria esmagadora das crianças de todas as idades pesquisadas, analisam os acontecimentos através da causalidade histórica, explicando que, se Tiradentes lutou pela independência do Brasil, o Brasil já teria que ter sido descoberto.

Quando estabelece uma cadeia de sucessões para explicar porque conclui que sua família já existia no início do mundo, a busca de explicações causais aparece novamente em todas as respostas das crianças.

Ao justificarem a existência de Londrina na época de Tiradentes, as crianças argumentaram com explicações em que a diferença de época pudesse ser identificada. Londrina existia, mas era menor, era um ilha cheia de animais, era velha. A inversão da temporalidade é uma característica própria do pensamento de

crianças de sete anos. Explicam o presente através do passado, e não o contrário.

O mesmo raciocínio aparece nas respostas das crianças quanto à existência de relógios, livros, trens na época do descobrimento do Brasil. A maioria das crianças responde que existiam de forma diferente, caracterizando o aspecto de diferença temporal, mas existiam, reafirmando que o presente determina o passado.

A criança não interpreta a história como uma série de acontecimentos sem nenhuma ligação; isto é comprovado pelas nossas entrevistas. Todas essas conclusões nos levam a repensar a prática do ensino de História nas séries iniciais do ensino fundamental.

Nos últimos anos, discutiu-se amplamente a respeito de transformar a história, de uma disciplina meramente expositiva, em que os acontecimentos são expostos de forma linear e o papel da criança é somente como sujeito assimilador, para uma história crítica, dinâmica, na qual exista espaço para as diferenças de interesses em que o sujeito se perceba como sujeito histórico e procure analisar o presente, buscando respostas mais profundas no passado.

No entanto, através das respostas das crianças de sete a dez anos, percebemos que elas interpretam a história da maneira como nós, professores de história, gostaríamos que interpretassem: com lógica, buscando relações de causa e efeito entre os acontecimentos.

Podemos afirmar que as crianças possuem um saber, a respeito da história, coerente com seu nível de pensamento. Através desse saber, explicam o passado da forma como o compreendem. Quando na escola, muito cedo elas começam a perceber que existe um saber histórico escolar, aprendem esse saber.

Nas entrevistas, contam a história do descobrimento e de Tiradentes, mas, aparentemente, confundem nomes, datas ou dão explicações sem nenhuma lógica, do ponto de vista do adulto. Um exemplo está na criança que nos explicou o Descobrimento do Brasil da seguinte forma: "*existia, naquela época, muitos homens nativos. Eles foram para uma terra que não conheciam, porque o Brasil ainda não tinha sido descoberto. Mas outro homem, Pedro Álvares Cabral descobriu a terra para eles e todos foram para lá, que era o Brasil. O tempo foi passando, passando, e os nativos viraram escravos e o Pedro Álvares Cabral não queria mais voltar*

para Portugal e então gritou: *Independência ou Morte e ficou no Brasil*'. (REN, 7;06).

Fica claro, no relato acima, o exercício mental que a criança está fazendo para organizar tudo o que já ouviu ou estudou sobre a história do Brasil. Ela constrói um raciocínio lógico que, em qualquer prova tradicional, receberia nota zero.

No entanto, é nessa busca de lógica entre os acontecimentos históricos para dar conta da explicação da realidade que, em nossa interpretação, deveria consistir o trabalho de História nas primeiras séries do ensino fundamental.

Tal procedimento requer um profissional muito bem preparado, que se coloque no lugar de ouvinte e analise como seus alunos estão interpretando a realidade e identifique por que a interpretam dessa forma.

Paralelamente, é necessário que se proporcione, cada vez mais, aos alunos dessas séries, a oportunidade de ampliar seus conhecimentos a respeito da realidade que o cerca, não os limitando a bairros, cidades, estados ou países ou ao presente, passado ou futuro, pois, para a criança, o lugar e a cronologia não são o mais importante, mas importa mais a causalidade entre os acontecimentos, a cadeia que se estabelece entre os homens de diferentes tempos e diferentes lugares. Isso constrói a noção de tempo histórico e, conseqüentemente, da História.

Referências

- CARRETERO, M. *Construtivismo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. *Construir e ensinar – as ciências sociais e a história*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- COLL, C. e MARTÍ, E. *Aprendizagem e desenvolvimento: a concepção genético-cognitiva da aprendizagem*. In: _____. et al. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, vol. 2, cap. 7, p.105.

- FELGUEIRAS, M. L. *Pensar a História. Repensar o seu Ensino – A Disciplina de História no 3º Ciclo do Ensino Básico: alguns princípios orientadores da metodologia de ensino*. Porto: Porto, 1994.
- GROSSI, E. *Ruptura com o Construtivismo Piagetiano. Revista do GEMPA*, n. 5, pp. 9-17, 1997.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1994.
- LERNER, D. *O Ensino e o aprendizado escolar. Argumentos contra uma falsa oposição*. In: PIAGET e VYGOTSKY. *Novas contribuições para o debate*. São Paulo: Ática, 1996.
- NADAI, E. e BITTENCOURT, C. M. F. *Repensando a Noção de Tempo Histórico no Ensino*. In: PINSKY, J. *O ensino de história e a criação do fato*. São Paulo: Contexto, 1988. pp. 73-92.
- NOVAES, A. *Sobre Tempo e História*. In: NOVAES, A. (org). *Tempo e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. pp. 9-19.
- PARRA, N. *O adolescente segundo Piaget*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- PARRAT, S.; TRYPHON, A. (org) e PIAGET, Jean. *Sobre pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- PIAGET, J. *A construção do real*. 2.ed. São Paulo. Ática, 1996.
- _____. *A psicologia da criança*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- _____. *A epistemologia genética*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____. *A representação do mundo na criança*. Rio de Janeiro: Record, 1974.
- _____. *A noção de tempo na criança*. Rio de Janeiro: Record, 1946.
- _____. *O nascimento da inteligência*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- _____. *Psicologia da Criança e o Ensino de História*. In: PARRAT, S. e TRYPHON, A. (org.) e PIAGET, Jean. *Sobre a pedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. pp.89-95.

- PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 1997.
- PROENÇA, M.C. *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.
- REIS, J.C. *Nouvelle Histoire e o Tempo Histórico – A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.
- SAVATER, F. *O Valor de Educar*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WADSWORTH, B. J. *Piaget para o Professor da Pré-Escola e do 1º Grau*. São Paulo: Pioneira, 1984.
- ZAMBONI, E. Desenvolvimento das Noções de Espaço e Tempo na Criança. In: _____. *CADERNO CEDES: A prática do ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1984.